

ENTREVISTA COM TERESA DE LISIEUX E EMA BOVARY

Teresinha Matos
MestrE em Ciência da Religião – PUC-SP
tere.matos@gmail.com

Resumo: Quem são Teresa de Lisieux e Madame de Bovary? O artigo relata a história de amor dessas duas mulheres do século XIX: Teresa, a carmelita morta ainda menina e Bovary, personagem burguesa do romance de Gustave Flaubert. Para mostrar a evolução dessas vidas, foi preciso voltar ao século XII, quando surgem o amor cortês e a poesia lírica. Nesse período, a mulher tem uma ascensão, que se reflete nas relações amorosas entre os sexos. Um salto de um século e pronto: uma breve apresentação do pensamento dos Pais da Igreja sobre a mulher e o sexo. Eles pregam o dualismo entre carne e espírito. As mulheres eram a carne e os homens o espírito, ou seja, os últimos estavam predestinados a governar as primeiras. Por fim, é feita uma rápida análise da obra de arte e do romance moderno, na visão de Ítalo Calvino e de outros autores. Teresa e Ema relatam, em uma “entrevista”, o que pensam de amor, liberdade, infância, dinheiro e feminismo.

Palavras-chave: mulher; amor; sexo; romance.

Abstract: Who are Teresa de Lisieux and Madame de Bovary? The article makes a story of the history of love of these two women of century 19: Teresa de Lisieux, the Carmelite deceased girl still and Madame Bovary, bourgeois personage of the romance of Gustave Flaubert. To show the evolution of these lives It was necessary to come back to century 12, when the gracious love and the lyric poetry appear. In this period, the woman had an increase, reflecting herself in the loving relations between the sexes. A jump between the centuries: one soon presentation of the thought of the Parents of the Church about the woman and the sex. They preach the dualism between meat and soul. The women were the meat and the men were the soul, and therefore, the last ones were predestined to govern the first ones. Finally, a fast analysis of the work of art and the modern romance is made, in the vision of Ítalo Calvin and other authors. Teresa and Ema tell in a “interview” what they think of love, freedom, childhood, money and feminism.

Keywords: woman; love; sex; romance.

“Meu Deus [...] Eu vos amo! [...]” (Lisieux, 2001, p. 1215). Depois de duas horas de agonia, a jovem carmelita Teresa de Lisieux dá o último suspiro, com a certeza de ter cumprido seu projeto de vida.

“Muitas vezes, dum belo dia o calor. Faz com que as moças sonhem com o amor” (Flaubert, 2003, p. 368) canta um homem. Ema grita: “É o cego”. A jovem senhora, já no final de sua agonia, ri um riso atroz, feroz, frenético (Flaubert, 2003, p. 368). Outra convulsão e ela morre.

Duas cenas. Ambas detalham os últimos momentos de duas mulheres do século 19. A primeira fez um passeio breve pela terra, mas deixou marcas profundas na literatura, na poesia e na intelectualidade de sua época. A outra, uma mulher “real” – como muitas pequenas burguesas do período – que deixa o leitor em dúvida: será ela uma personagem?

Os objetivos de vida de Ema e de Teresa são bem diversos. A meta é uma só: a liberdade. No mesmo período, em São Paulo, que começa a despontar como força industrial do país, as mulheres da elite paulistana gozavam de muita liberdade, um avanço para os padrões da época. “Elas saíam sozinhas, trabalhavam, falavam outras línguas e tocavam ao menos um instrumento”,

diz a curadora da mostra *Imagens do Feminino* e professora da Universidade de São Paulo, Solange Ferraz de Lima (Matos, 2005, p. 4).

A situação se repete Brasil afora. Bárbara de Alencar, uma pernambucana, que viveu no Ceará nas cercanias de Crato e Barbalha, luta e é perseguida por defender a causa liberal e a República. Chega – junto com políticos locais – a proclamar a República do Crato, seguindo os passos de Pernambuco, no início do século XIX, em 1817 (Gaspar, [entre 1980 e 1990], p. 97). No Rio de Janeiro, uma mineira de São João D’El Rei, a educadora e jornalista Francisca Senhorina da Mota Diniz, publica entre 1875 e 1890 o jornal *O Sexo Feminino*. Temas polêmicos como abolição da escravatura, voto feminino e movimento feminista são tratados pelo semanário, ao lado de amenidades e literatura (Crescenti e Pereira apud Schumacher e Brazil, 2001, p. 246).

Sonho: Teresa sonhava com o Carmelo. Ema também sonhava com um homem viril. Queriam mais: viajar e até ser homem para conseguirem voar mais longe. As duas – a real e a personagem – falarão adiante sobre essas aspirações. Ema, por exemplo, tenta realizar seu projeto no casamento, nos filhos, nos livros e nos amantes. Mas nada sufoca sua insatisfação. Teresa, uma menina mais esperta que as demais, como ela própria se autodenomina, consegue convencer pai, tios, e chega mesmo a seduzir o papa Leão XIII, com sua alegria e tenacidade. Ela almeja tornar-se carmelita aos quinze anos e consegue. Apesar da dedicação ao seu projeto, só se sente plenamente feliz na morte: “Encontrei a vida religiosa tal como a imaginara”, diz (Lisieux, 2001, p. 178).

As mulheres no século XIX

As moças francesas, em especial das classes populares, do século XIX buscam no casamento mais que um marido: um meio de ascensão social. Elas permanecem como um ser do “lar”. Também enxergam uma convergência entre aliança e amor. Ema chega a dizer: “Se lhe tivesse sido possível depositar sua vida em algum grande coração sólido, então, confundindo-se a virtude com a ternura, as volúpias e o dever” (Perrot, 2003, p. 64).

Apesar disso, as mulheres respondem pela administração da casa e, portanto, do dinheiro. Procuram na religião a exaltação, a dor e o desejo de se fundir a Cristo pela contemplação de suas feridas. O adultério é considerado chique nos meios culturais franceses (Perrot, 2003, pp. 64-144, *passim*). Bovary, a personagem, deleita-se com essa idéia: “Tenho um amante! Um amante!” (Flaubert, 2003, p. 191).

Entender a mulher do século XIX obriga o leitor a retroceder ao XII. Assim, compreenderá a evolução da personagem – real e fictícia – feminina desde então. Héloïse, a amante do mestre Abelardo, já é uma intelectual, a exemplo de Ema e de Teresa.

Aos dezessete anos, a ciência de Héloïse é célebre em toda a França (Le Goff, 1984, p. 45). Mesmo assim, ela prefere não casar com Abelardo, o professor, para não ver arrasada a carreira profissional dele.

Homem e mulher buscam a sua metade perdida (Paz, 1994, p. 69). Para Octavio Paz, o mundo antigo não tinha uma doutrina de amor. Isso surge na França no século XII, com o amor cortês. O que é isso? É algo milagroso. Trata-se da criação de um grupo de poetas no seio de uma sociedade reduzida: a nobreza feudal do sul da antiga Gália (Paz, 1994, p. 69). Nesse período, surgem na Europa duas grandes criações da civilização ocidental: a poesia lírica e a idéia do amor como forma de vida. O amor cortês – de corte e villa – nasce nesse cenário e é chamado pelos poetas de *fin’amors*, ou seja, amor purificado ou refinado. Esse amor não tinha por fim nem o mero prazer carnal nem a reprodução (*ibid.*, p. 70).

Os poetas pretendiam apenas ser entendidos pelas damas. Os versos eram lidos e acompanhado de música, numa combinação entre palavra falada e música. Diz Otávio Paz: “O aparecimento do amor cortês seria inexplicável sem a evolução da condição feminina. Essa mudança afetou sobretudo as mulheres da nobreza, que gozaram de maior liberdade que suas avós nos séculos obscuros” (*ibid.*, p. 72).

Com o amor cortês, houve uma ascensão da mulher, que representou um passo não só na ordem ideal das relações amorosas entre os sexos, mas na realidade social (Paz, 1994, p. 86). Ao contrário, os primeiros pais da Igreja (os quatro primeiros: Tertuliano, Cipriano, Ambrósio e Jerônimo) viam dois reinos possíveis na Terra: o espiritual e o carnal (Salisbury, 1995, p. 31). Segundo eles, esses dois mundos não tinham nada em comum. Eram opostos e não podiam coexistir ao mesmo tempo. É essa visão dualística da natureza da sexualidade que sustenta o desenvolvimento da defesa do celibato na Igreja.

Jerônimo chama a atenção para as tentações do paladar. “Primeiro o estômago é satisfeito: depois os demais membros se excitam”, conta Salisbury (*ibid.*, p. 31). Talvez seja esse resquício da filosofia desse período que leva Teresa e Ema a se absterem de alimento. A santa faz longos jejuns, sacrifícios que certamente a levaram à tuberculose. A adúltera também passa longos períodos sem se alimentar, ruminando a perda de um amor. Os

pais da Igreja condenam simples intercorrências, físicas, como o soluço, já que, para Jerônimo, chama a atenção para o abdômen, para o físico.

Ambrósio vai mais longe. Segundo ele, o ato físico do sexo, que leva as pessoas ao carnal, faz o homem exalar um odor, o “cheiro da morte”. Os que vivem no reino espiritual exalam o cheiro da vida (ibid., p. 36). Tereza, pouco antes de morrer, está no leito abraçada a uma cruz e trazem a ela rosas – seu símbolo até hoje, que são desfolhadas sobre a cruz, segundo sua irmã Madre Inês (Lisieux, 2001, p. 1199).

Talvez essa seja uma alegoria para lembrar sua virgindade. Diz Ambrósio: “as virgens têm o cheiro da espiritualidade, que parece conter algo de herbal” (Salisbury, 1995, p. 35). A comida e o vinho eram considerados algo perigoso, mais até que o desejo, pois apresentavam a propriedade do calor. Jerônimo afirma que um glutão não poderia ser casto, mesmo que guardasse a abstinência sexual (ibid., p. 39).

O pior era visão que os primeiros pais da Igreja tinham da mulher. Para eles, os homens representavam a parte espiritual do mundo, já as mulheres significavam a carnal. O espírito governava a carne, ou seja, o homem estava predestinado a governar a mulher.

Isidoro de Sevilha sintetiza essa visão patrística assim: “As mulheres estão sob o poder dos homens, porque elas são, em geral, espiritualmente volúveis. Assim, devem ser governadas pelo poder masculino” (ibid., p. 41).

São Francisco de Sales prossegue com esse discurso no século XVII. Para ele, há certa semelhança entre as volúpias vergonhosas (sexuais) e os prazeres de comer. Comer e sexo são equivalentes e, por fim, idênticos, pois, mais adiante, “certa semelhança” acaba se revelando uma similitude total e perfeita com a carga forte que se dá ao termo “carne”. Entre a ingestão de comida e o desejo por outra pessoa dentro de uma única circunstância normal reconhecida pela Igreja – o casamento – entre os prazeres da mesa e os da cama (Doueihi e Penchel, 1999, pp. 83-84).

São Francisco propõe um casamento à moda dos elefantes, que não trocam de parceira. Não a tocam e se relacionam apenas para procriar e depois do ato sexual não voltam à manada antes de se purificar, banhando-se (ibid., p. 83).

A obra de arte

Já se falou da importância da poesia para o amor cortês, que contribuiu para o processo da evolução da condição feminina. O presente artigo trata da trajetória de duas mulheres, uma retirada das páginas do romance do século XIX, através do jeito inovador de escrever de Flaubert.

Agora é preciso pensar um pouco no processo de elaboração do romance, que exige criatividade, competência e muita transpiração, como gostam de revelar diversos escritores. “As palavras se movimentam na poesia *Canciones del Alma*, da obra *Noche Oscura*. A poesia não fala do amor, realiza o amor, mostrando o

movimento físico”, diz a professora de Literatura e Crítica Literária, Vera Bastazin (informação verbal).¹

Basta ver os versos:

¡ Oh noche que guiaste!
 ¡ oh noche amable más que el al-
 ¡ oh noche que juntaste (borada
 Amado con amada, (mada!
 amada en amado transfor-²

Ítalo Calvino, na obra *Palomar na Praia*, num texto perfeito, com jogos de palavras, vai descrevendo os princípios da arte. “O senhor Palomar está de pé na areia e observa uma onda” (1994, p. 7).

Na verdade, ele não tem um olhar passivo de contemplação. O sujeito vê a onda de maneira ativa. “A arte exige observação atenta e não contemplativa”, reforça Vera Bastazin. O autor de *Palomar* prossegue, destacando que “não são as ondas que ele pretende observar, mas uma simples onda”. Nesse caso, Calvino (ibid., p. 7) volta ao conceito de singularidade da obra de arte. Palomar vê o mar e o mar se integra a ele. Waldecy Tenório, doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo e professor de Literatura no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC de São Paulo, diz: “Mas Agostinho escreve ainda por uma terceira razão: porque a literatura é sempre um convite à mudança” (2002, p. 66).

Tenório resume a idéia de *Palomar* sobre arte e literatura: “A literatura é uma fina forma de conhecimento. Ou seja, é a arte” (informação verbal).³

O romance, por sua vez, focaliza os problemas de sempre com uma intenção nova e especial: conhecer e apoderar-se do comportamento psicológico humano, e narrar isso. O romance do século XIX é uma polifacética resposta à pergunta de como é o homem, uma gigantesca teoria do caráter e sua projeção na sociedade. O romance antigo nos ensina quem o homem é, o romance de hoje perguntará por que e para que. (Alazraki e Cortazar, 1999, p. 210)

O romance tem um outro papel. Ele é o instrumento verbal necessário para a tomada de posse do homem como pessoa, do homem vivendo e sentindo-se viver. Ema parece uma pessoa real, uma mulher do século XIX em busca de liberdade. A linguagem do romance moderno é reflexiva e emprega técnicas racionais para expressar e traduzir os sentimentos, e funciona como um produto consciente do romancista, um produto de vigília, de lucidez.

Outra chave do romance realista: as vozes. Ele tem mais de uma voz, ou seja, é dialógico. Por isso o conflito. Há a voz do personagem e uma segunda, que é a sua consciência. Esse é o caso de Ema. Por isso seu inconformismo.

¹ Comentário anotado em sala de aula pela autora do trabalho no curso temático do núcleo Religião e Campo Simbólico: Literatura e Religião, proferido pelos professores doutores Waldecy Tenório e Vera Bastazin - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC-SP, primeiro semestre de 2005.

² Trecho do Poema *Noche Oscura*, de San Juan de la Cruz.

³ Comentário do professor Waldecy Tenório anotado em sala de aula pela autora do trabalho no curso temático do núcleo Religião e Campo Simbólico: Literatura e Religião, proferido pelos professores doutores Waldecy Tenório e Vera Bastazin - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUCSP, primeiro semestre de 2005.

Entrevista

Agora a alegre Teresa e Ema, por vezes triste, falarão de sua infância, vida, projetos, casamento e Carmelo numa entrevista que vai revelar, em breves perguntas, suas vidas:

Quais as principais lembranças de sua infância?

Teresa – Eu era um duendezinho de quatro anos. Como era feliz nessa idade (Lisieux, 2001, p. 22). Era obstinada e de uma inteligência superior (Josaphat, 1999, p.104). Na hora de fazer as escolhas, escolhia tudo, como aconteceu quando fui perguntada qual escolheria entre as várias bonecas de um cesto (Lisieux, 2001, p. 105).

Ema – Quando tinha 13 anos, meu pai me levou à cidade e pôs-me no convento. Nos primeiros tempos, alegrava-me com a companhia das bondosas freiras, que me levavam à capela. Brincava pouco, entendia o catecismo e respondia ao capelão as perguntas mais difíceis. Sem sair do convento, vivia no meio daquelas mulheres de cútis muito branca. Fui decaindo para languidez mística que exala dos perfumes do altar. Fazia jejum, inventava pequenos pecados para permanecer mais tempo ajoelhada e com as mãos postas no confessionário. Repelia tudo que contribuísse para a alegria imediata do coração, procurava emoções e não paisagens (Flaubert, 2003, p. 50).

Qual o seu projeto de vida?

Teresa – Pensei ter nascido para a glória e, na busca do meio de alcançá-la, Deus inspirou-me os sentimentos que acabo de escrever. Fez-me compreender também que a minha glória não apareceria aos olhos dos mortais, consistiria em tornar-me uma grande Santa!!!! (Lisieux, 2001, p. 119).

Ema – Tinha desejos de viajar, de voltar para o convento. Ambicionava, ao mesmo tempo, morrer e residir em Paris (Flaubert, 2003, p. 78).

O que significava a literatura para você?

Teresa – Ainda criança gostava muito de leitura. Além de apreciar mestres como São Francisco de Sales e Santa Teresa, lia a Bíblia constantemente. Escrever, na maioria das vezes por ato de obediência e por amor, foi uma das minhas atividades prediletas. Destaco as poesias feitas em homenagens às minhas superiores e as peças escritas para as festas no convento, como Joana D’Arc (Lisieux, 2001, p. 832 e Josaphat, 1999, p. 104).

Ema – Ainda no convento, li Walter Scott, pelas mãos de uma senhora idosa que trazia essas obras escondidas. Cultuava Maria Stuart, além de passar por histórias de Joana D’Arc, Heloísa, Inês Sorel, entre outras. Depois do baile em casa do Marquês d’Andervilliers, em Vaubyessard, li Balzac e George Sand, procurando satisfações imaginárias para os meus apetites pessoais. Logo depois, em minha languidez, julguei que havia lido tudo. Retomei o gosto pela leitura depois de mudar para Yonville (Flaubert, 2003, pp. 51-104, passim).

Qual foi o melhor momento de sua vida?

Teresa – Foi quando entrei para o Carmelo. Enfim, meus desejos estavam realizados, minha alma gozava de uma paz tão suave e tão profunda que me seria impossível exprimir e, há sete anos e meio, essa paz continua sendo meu quinhão. Encontrei a vida religiosa tal como a imaginara. Vim para salvar as almas e, sobretudo, rezar pelos sacerdotes (Lisieux, 2001, pp. 178-179).

Ema – Quando me entreguei pela primeira vez ao adultério. Nesse momento, percebi quão grande, negros e profundos eram meus olhos. Senti-me transformada. Ia, afinal, possuir as alegrias do amor, a febre da felicidade, de que já desesperara. Entrava em algo de maravilhoso onde tudo era paixão, êxtase, delírio (Flaubert, 2003, p. 191).

Quais foram suas grandes frustrações?

Teresa – Não ter podido realizar minha vocação de guerreiro, de sacerdote, de doutor, de mártir. Queria morrer num campo de batalha pela defesa da Igreja. Apesar da minha pequenez, desejaria iluminar a alma como os profetas, os doutores. Desejaria, tal como os apóstolos, correr a terra, propagar teu nome e fincar tua Cruz gloriosa no solo infiel (Lisieux, 2001, pp. 211-212).

Ema – O fato de não ter resistido ao casamento. Mas, meu Deus! Para que me casei? (Flaubert, 2003, pp. 59-110). Outros aborrecimentos perturbaram-me ao longo da vida: o fato de não ser homem, de ter uma filha ao invés do filho. Desejava que fosse um menino; havia de ser forte e moreno e chamar-se-ia Jorge.

O que é o amor para você?

Teresa – É o mandamento novo oferecido por Jesus aos seus apóstolos, o Seu mandamento. Não é mais amar ao próximo como a si mesmo que ele ordena, mas amá-lo como Ele Jesus o amou, como o amará até o final dos séculos (Lisieux, 2001, p. 234).

Todos os dons mais perfeitos não valem nada sem o amor, como ensina São Paulo nos capítulos 12 e 13 da Primeira Epístola aos Coríntios (ibid., pp. 212-213).

Ema – O amor devia surgir de repente, com ruídos e fulgurações, tempestade dos céus que cai sobre a vida e a revolve, arranca as vontades como folhas e arrebatava para o abismo o coração inteiro (Flaubert, 2003, p.122).

O que significa liberdade?

Teresa – A liberdade está no encontro com Jesus. Peço a Jesus que me atraia nas chamas do seu amor, que me una tão estreitamente a Si, que seja Ele quem viva e aja em mim.

Ema – “Que liberdade! Que esperança! Que mundo de ilusões! Nada mais havia dele agora!” A liberdade estava para mim nas tardes de verão cheias de sol passadas na propriedade de meu pai antes do casamento. Nessa época, gostava do relinchar dos potros quando alguém se aproximava, do seu galope, do vô das abelhas que batiam nas vidraças tal bolas saltitantes.

Tudo foi consumido nas aventuras da minha alma, nos estados sucessivos de virgindade, casamento, amor. Deixei tal como viandante alguma coisa dessa riqueza em todos os pousos do caminho (Flaubert, 2003, pp. 202-203).

O que representou o dinheiro em sua vida?

Teresa – Ah! Senti-o muito bem: a felicidade não está nos objetos que nos cercam, está no mais íntimo da alma. Pode ser gozada tanto numa prisão como num palácio (Lisieux, 2001, p.171). Senti que a única coisa necessária consistia em unir-me sempre mais a Jesus e que o resto me seria dado por acréscimo (ibid., p. 247).

Ema – Gastei dinheiro com doações, com luxos, com presentes para os amantes. Envolvi-me com agiotas. Enfim, sentime perdida, rolando ao acaso em abismos indefinidos. Por não tê-lo coloquei fim à vida, morrendo sufocada (Flaubert, 2003, pp. 341-358).

Qual era a condição da mulher e como você a enxergava?

Tereza – Ainda não consegui entender por que as mulheres são tão facilmente excomungadas na Itália. A cada instante, diziam-nos: “Não entrem ali, seriam excomungadas! [...] Ah! pobres mulheres, como são desprezadas!”. [...] Todavia, são muito mais numerosas que os homens em amar a Deus e, durante a Paixão de Nosso Senhor, as mulheres tiveram mais coragem que os apóstolos, pois enfrentaram os insultos dos soldados e atreveram-se a enxugar a Face adorável de Jesus. Também sentia que Deus tinha uma postura tão terna

como a de uma mãe: as faltas não entristeciam a Deus. Isso fez com que suportasse com paciência o exílio da vida (Lisieux, 2001, pp. 173-195).

Ema – Apesar de sonhar em ser homem, de ter um filho do sexo masculino, eu não advogo a igualdade com o ser masculino. Sei que esse tem um privilégio inacessível à mulher (Hossne, 2000, p. 30). Mesmo assim gostaria de ter a virilidade de um homem. Fui buscar isso no adultério e na administração do dinheiro de Carlos, o que me levou à ruína.

Referências

ALAZRAKI, J. e CORTAZAR, J. *Obra Crítica 2: situação do romance (1950)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

CALVINO, I. *Palomar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. CRUZ, J. de la. *Noche Oscura*. Disponível em www.nidodepoesia.com/librnoch.htm. Acesso em 18 de jul. 2006.

DOUEIHI, M.; PENCHEL, M. *Histórias perversas do coração humano*. In: *Casamento elefantino e sexualidade devota*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

FLAUBERT, G. *Madame Bovary*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

GASPAR, R. *Bárbara de Alencar: a guerreira do Brasil*. Fortaleza: s.n. [entre 1980 e 1990].

HOSSNE, A. S. *Bovarismo e Romance: Madame Bovary e Lady Oracle*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

JOSAPHAT, C. *As santas doutoras: espiritualidade e emancipação da mulher*. São Paulo: Paulinas, 1999.

LE GOFF, J. *Os intelectuais na Idade Média*. Lisboa: Gradiva, 1984 .

LISIEUX, T. Teresa do Menino Jesus e da Sagrada Face: Obras Completas. São Paulo: Loyola, 2001.

MATOS, T. Memória: Mulheres de São Paulo. Diário do Comércio, São Paulo, 12 de maio de 2005. Caderno Cidades & Entidades, pp. 1-4.

PAZ, O. A dupla chama, amor e erotismo. In: A dama e a santa. São Paulo: Siciliano, 1994.

PERROT, M. História da Vida Privada. v. 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SALISBURY, J. E. Pais da igreja, virgens independentes. São Paulo: Scritta, 1995.

SCHUMAHER, S.; BRAZIL, E. V. Dicionário Mulheres do Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

TENÓRIO, W. O adeus interminável. CULT: Revista Brasileira de Cultura, São Paulo, n. 64, pp. 66-69, dez. de 2002. Edição Especial.